

DIRECTOR  
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

**O SEculo**

DE SANTA  
RITA

## VALORES DIFERENTES

▼ Por LAURA CHAVES ▼

Entre a jarra do Japão  
e uma caixinha de prata,  
uma, outra de cartão,  
feia, pobre e timorata,

vivia muito vexada,  
ralada da sua vida,  
sentindo-se deslocada  
no grande luxo, vendida.

A caixa rica e a jarra  
olhavam-na sobranceiras  
achando-a estranha, bizarra,  
de acanhadinhas maneiras.

Feita dum cartão bem feito,  
tinha uma triste aparência.  
Ficava mal nêsse meio  
que era de grande opulência.

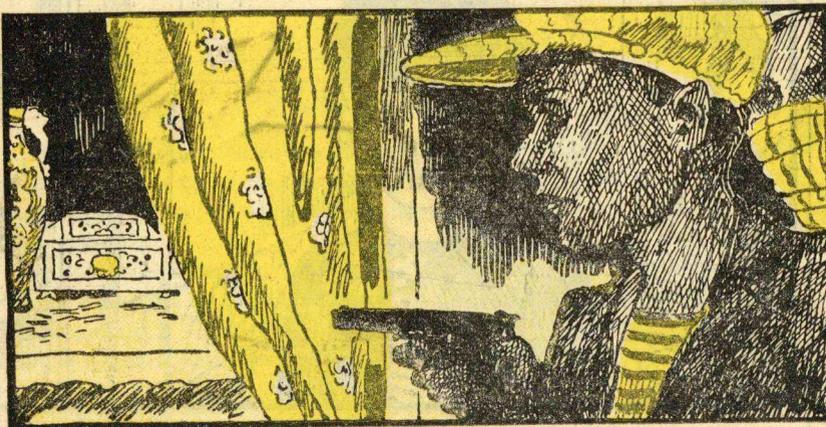
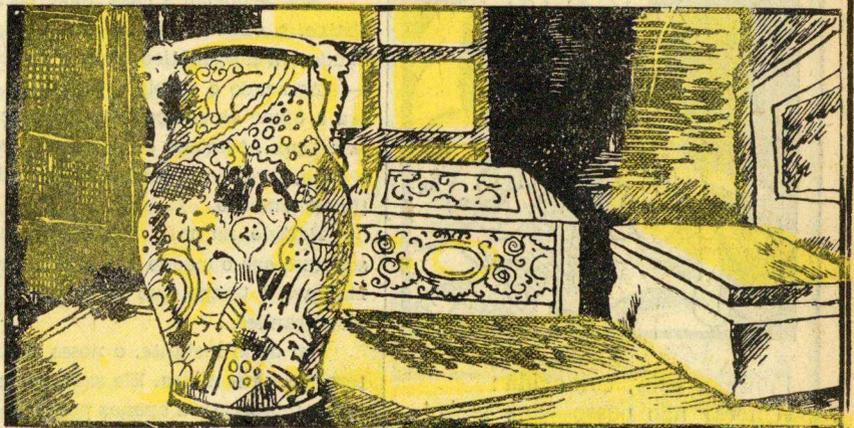
Como elas a maltratavam!  
Nem lhe davam os bons dias!  
Quando da pobre falavam  
crivavam-na de ironias.

Mas que culpa tinha ela  
de ter a tampa encarnada  
com uma borda amarela  
e estar já amachucada!

A's vezes pensava assim:  
«Lá que isso é raro, isso é!  
Porque me põem a mim  
que sou pobre, dá ralé,

junto da fidalgaria,  
de coisas de rico amanho?...»  
e cismava noite e dia  
nêsse seu destino estranho.

A dona daquilo tudo  
era uma boa velhinha  
com ar infeliz, sisudo,  
e uma cara desfeitinha



de quem vive triste e só.  
nem se calcula o carinho  
com que ela limpava o pó  
da caixa, do monstrozinho.

Dizia a jarra:—Que louca!  
a cabeça não regula!  
—A velha está taramouca—  
respondia a outra, fula!

—É por acinte, é capricho!...  
não se faz isto a ninguém!  
Devia deitá-la ao lixo  
que era onde ela estava bem.

Mas como as não entendia  
a velhinha continuava.  
Té parece que sorria  
quando na caixa pegava.



Pensava esta, comovida:  
«Chorar não posso—que ideia!  
porque fico amolecida  
e ainda muito mais feia»

Numa noite de trovões,  
de ventania a soprar,  
em casa entraram ladrões  
para a velhinha roubar.

Essa quadrilha pirata  
a tudo deitou a garra:  
marchou a caixa de prata  
mais a preciosa jarra.

A caixa feia, a pobrinha,  
que do caso dera fé,  
sentiu que na cabecinha  
a tampa se punha em pé.

— Vão roubar-me, isso é que vão!  
diz ela, porque tal julga,  
e tem o seu coração  
mais pequeno que uma pulga.

CRÓNICA INFANTIL

# O PRESENTE de ANOS

Á LIZETE

POR MARIO AZENHA

Um relógio!

No dia dos seus anos o papá presenteára-o com um relógio. Fôra para ele o dia de juízo. Que alvorço! Louco de contentamento, o nosso garoto de-lirava. A alegria transformá-o; não cabia dentro de si — e era pequena a casa toda para contê-la!

Os seus transportes careciam ruído, movimento, luz, expansão, e produ- ziam nos seus nervos em tumulto um efeito dum *buscapé* num arraçal.

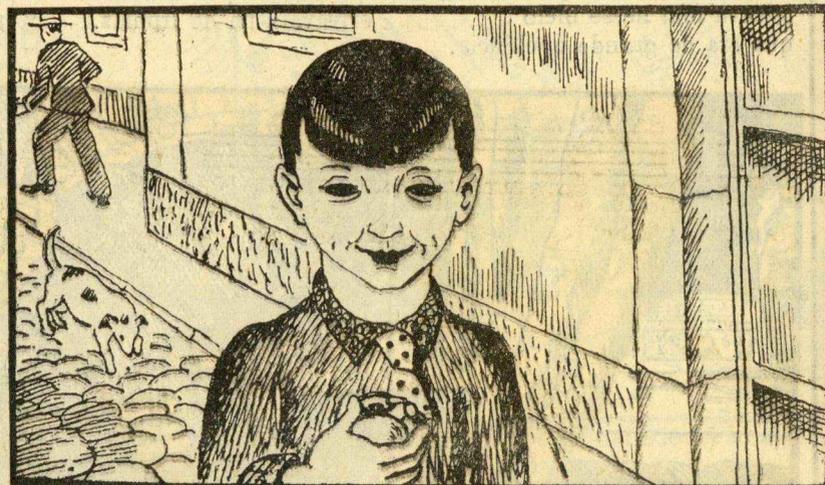
Era necessário clamar ao mundo a novidade; era necessário que se fizesse ouvir por todos os lados um carrilhão que reboasse a grande nova; era necessário que toda a gente soubesse que aquêlê migalho de gente tinha um relógio—um relógio que marcava o tempo, que fazia *tic-tac*, e era em tudo igual aos relógios das pessoas grandes...

Era pequena a casa toda para conter sua alegria, e ei-lo que sai. Rua abaixo, a cada conhecido ou desconhecido que adregasse de passar por êle, aquilo era matemático, sacava do relógio. E, muito senhor da sua importancia — (engraçado o garoto!) — detinha-se, desvanecido, ora a olhar o mostrador, ora a olhar as pessoas como a dizer-lhes, todo empertigado e ancho: — «Ve- jam bem... também eu tenho um relógio!» E, sem descompôr-se, completava a cena, levando a pequenina maquina ao ouvido como a certificar-se do seu funcionamento.

Relógio na mão, relógio na algibeira, era necessário que todo o mundo soubesse que o meudo que queria ser gente, tinha um relógio — um relógio que marcava o tempo, que fazia *tic-tac* e era em tudo igual aos relógios das pes- soas grandes...

Em dado instante, o nosso heroi ficou-se a remirá-lo, mais seduzido e in- teressado que nunca. Ele sabia ver as horas; tirava-as por palpite, como quem tira a temperatura apenas por contacto. E procurava convencer-se de que nunca se enganava!

A curiosidade espicava-o; o mostrador atraia-o. Os ponteiros hirtos, im- passíveis, aparentemente indiferentes, cada qual na sua faina, concorriam para o mesmo fim comum: marcar o tempo. E o alegre pimpólho pôs-se a es-





# OS DEFEITOS da LAURINHA

■ POR ANÃO SABICHÃO ■

DESENHOS DE A. CASTANÉ

Chamarei Laurinha á menina desta história.

Não lhe dou o seu verdadeiro nome, porque vocês podem conhecê-la agora, como uma menina muito desprerenciosa e arranjada, e escuso de a vexar dando a conhecer aos seus amiguinhos, como ela se transformou, dessa maneira!

Porque esta Laurinha era, na verdade, uma grande presumida e, ao mesmo tempo, muito desmazelada.

Parece que uma coisa não diz com a outra, mas o que é certo é que a tal rapariguinha sofria d'esses dois defeitos, tão feios!

E era pena, porque assim que deles se livrou, ninguém, nunca mais, teve nada que lhe dizer!

Mas, antigamente, quando estava no seu quarto, tôdo o tempo lhe parecia pouco para se mirar ao espelho; punha em cima de si, mil trapicalhos, arranjava e tornava a arranjar o cabelo e a respeito de arrumar o que desarrumava, nem pensava em tal!

Para isso nunca tinha cinco minutos disponíveis!

Por mais que a mãe ralhasse com ela e lhe mos-



trasse os inconvenientes de tanto desmasêlo, a nossa Laurinha não tomava caminho!

Aconteceu ir passar um tempo a uma quinta na provincia.

Certo dia, de arraial no sitio, contava ela vestir, para ir á festa, um lindo vestido novo de organdi, branquinho, côr de neve.

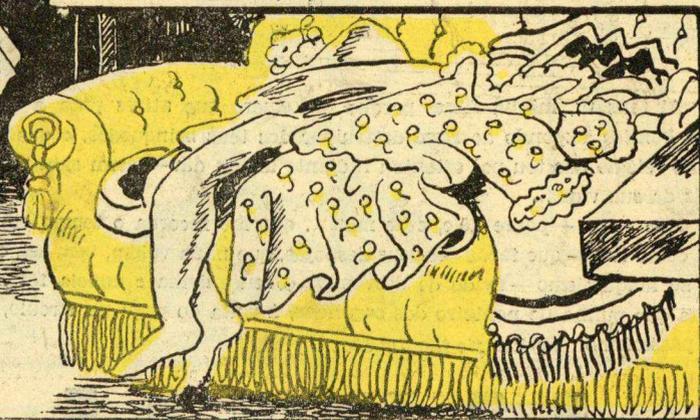
Estava ela, em frente do espelho, dando um ultimo retoque nos folhos da saia, e no cabeção que lhe caía pelos ombros, quando lhe entrou pela porta dentro, a Rosária, a filha do vizinho hortelão, que lhe trazia de presente um cabaz de belas ginjaas, das primeiras apanhadas no pomar.

E preciso prevenir os meus leitoresinhos de que o vosso amigo Anão andava rondando, sempre farejando uma ocasião propícia, para meter na ordem aquela desordenada!

E onde estava eu metido?

Mesmo dentro do cabaz da Rosária, entre as ginjaas do pomar.

Desta maneira, conseguira introduzir-me no quarto, para dali manobrar á minha vontade!





# À PORTA do COLÉGIO

## DIALOGO

POR GRACIETTE BRANCO

— «Porque vens tu a chorar?» Quando tu fores mais velho  
 — «Tenho negro o coração! inda me has-de agradecer!»  
 Acabam de me ralhar  
 por não saber a lição!»

— «Tens razão! Hei-de estudar,

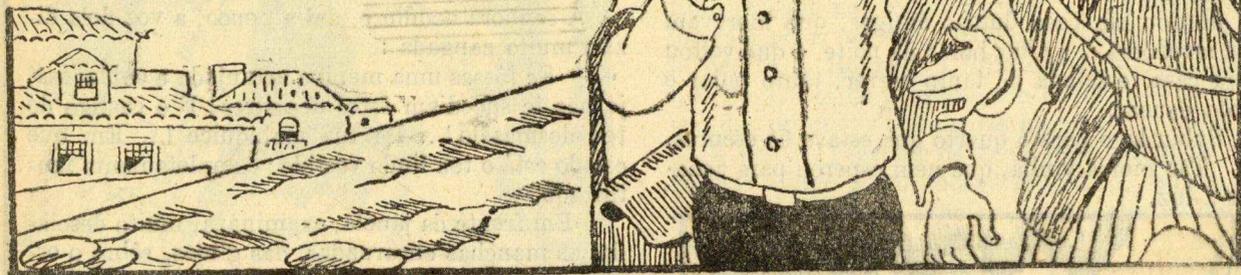
— «Devias ter estudado! Aprendi hoje contigo!  
 Porque não fizeste assim?» Soubeste-me aconselhar.

— «Fui brincar, para o jardim, Obrigado meu amigo!»  
 com o vizinho do lado!»

— «Eu também brinquei. Mas antes, estudei com muito ardor. Seremos uns bons estudantes é tudo o que há de melhor!

Não regeites o conselho dado com tanto prazer.

F  
I  
M



# CONCURSO EPISTOLAR

Organizado por GRACIETTE BRANCO

Meus amiguinhos: — Estou, verdadeiramente, encantada e enternecida, em face da extraordinária afluência de cartas que tenho recebido e pela forma inteligente e digna com que todos os meus queridos afilhados souberam corresponder à iniciativa, que tomei, deste concurso.

Têm sido tão numerosas essas cartas que se me torna impossível, por falta de espaço, con-

tinuar acusando a recepção de todas. Perdõem. Tenham, porém, a certeza de que nenhuma deixará de ser lida com toda a atenção e de que o respectivo júri, de que farei parte, não deixará de prestar justiça aos seus signatários.

Até lá, abraça-os, comovidamente, a todos, a vossa amiga e «madrinha».

GRACIETTE

# O CESTINHO da COSTURA

POR ABELHA MESTRA

Querida Rosalina

Fará esta pequenina holandêsa  
bôa figura no teu trabalhinho?

Com o seu traço tão alegre, vai  
ser divertido bordá-la!

Repara bem como ela parece  
estar embaraçada com a sua meia!

Tem cuidado com o traço da  
boca para não lhe mudares a  
expressão.

Borda o saiote, a touca e a meia  
que ela trabalha, em azul.

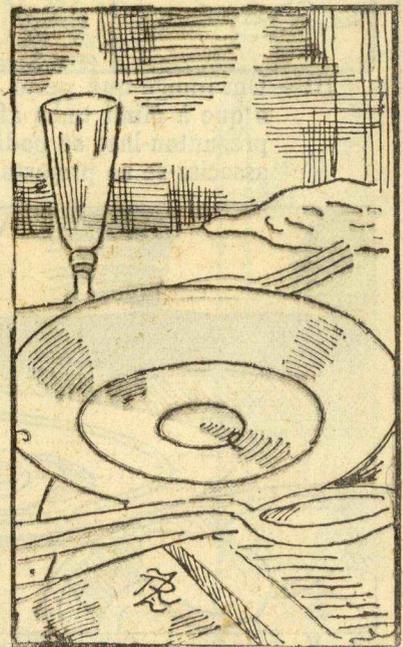
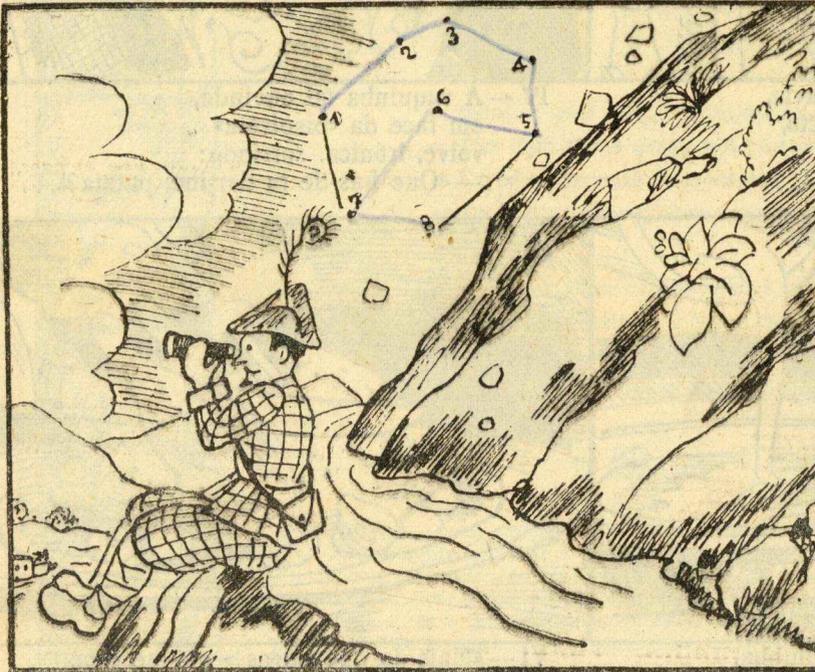
O coletinho em prêto. Avental  
encarnado. Cara, braços e mãos  
em côr de carne. Sócos amarelos,  
O banco castanho e a folhagem  
verde.

Abraço-te a

*Abelha Mestreira*



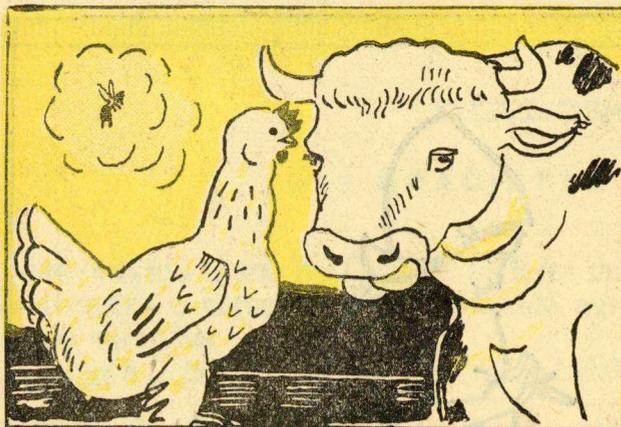
## PROBLEMA • A DIVINHA A DIVINHA



Este turista, a-pesar da sua atitude tranqüilla, está numa situação muito crítica. Vejam se descobrem porque motivo.

Meus meninos: — Vejam se conseguem saber o que vai ser comido neste prato.

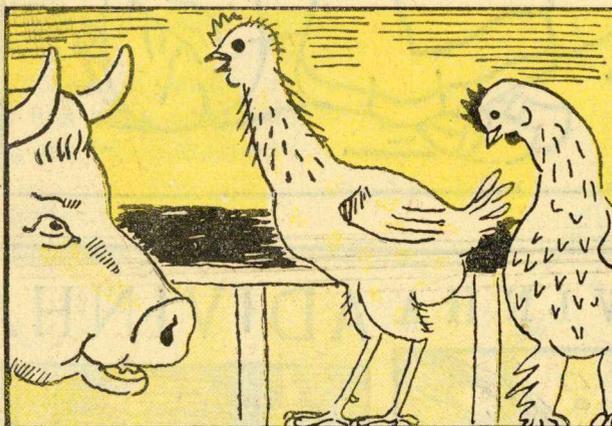
# Animais, nossos amigos



I — Certa vez se reuniram a Vaca, a Abelha e, a Galinha, combinando o que dariam de presente à Mimizinha.



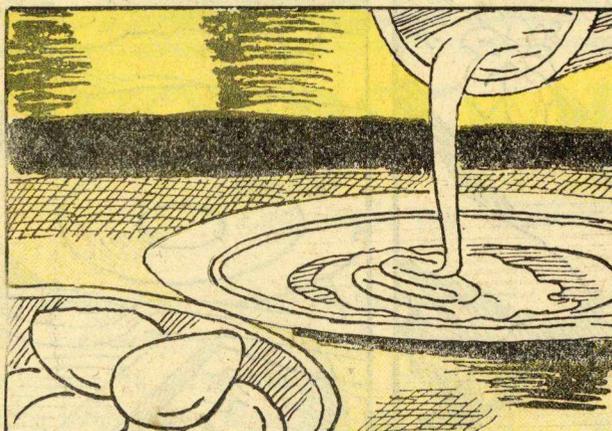
II — Pois a Mimi, nesse dia, — (era, de todas as eras, a mais formosa!) — fazia suas quinze primaveras.



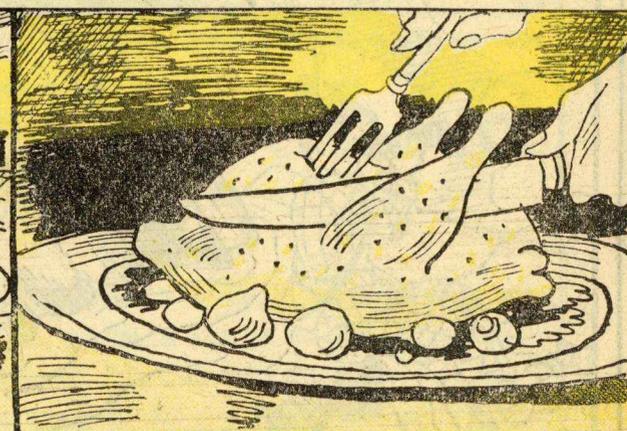
III — Um frango que perto havia, e que à Mimi tinha afecto, perguntou-lhes se podia associar-se ao projecto.



IV — A vaquinha tal ouvindo, em face da «bispirêta» volve, irónica, sorrindo: — «Que hás-de tu dar-lhe, pateta?!...»



V — Da-lhe o seu mel a Abelhinha, eu leite posso ofertar-lhe, seus ovos tia Galinha, mas tu que tens para dar-lhe?!»



VI — «Mais do que julgas!» diz-lhe esta, deixando a Vaca descrente; até que, a meio da festa, surge o seu belo presente!